

ARTE INDÍGENA NOS LIVROS DE BERTA RIBEIRO: UMA SINTÉTICA DISCUSSÃO NA COLEÇÃO DA BIBLIOTECA MARECHAL RONDON

INDIGENOUS ART IN THE BERTA RIBEIRO BOOKS: A SYNTHETIC DISCUSSION IN THE COLLECTION OF THE MARECHAL RONDON LIBRARY

Rodrigo Piquet Saboia de Mello
Museu do Índio – nuic@museudoindio.gov.br

Resumo: Este *paper* realizará uma breve discussão sobre a arte indígena, mais especificamente, quanto à encontrada na coleção da Biblioteca Marechal Rondon da museóloga Berta Ribeiro localizada no Museu do Índio. Serão realizadas algumas reflexões no que se refere à arte indígena com o objetivo de compreender o comportamento da coleção em função das pesquisas realizadas pela profissional da instituição. Importante realçar que a arte indígena é um elemento de destaque para o Museu do Índio em função, por exemplo, do primeiro estudo publicado sobre a arte indígena do povo Urubu-Kaapor.

Palavras-chave: Arte indígena. Berta Ribeiro. Biblioteca Marechal Rondon. Museu do Índio.

Abstract: This paper will make a brief discussion about indigenous art, more specifically, that found in the collection of the Marechal Rondon Library by the museologist Berta Ribeiro located in the Museum of the Indian. Some reflections will be made regarding indigenous art in order to understand the behavior of the collection in function of the research done by the professional of the institution. It is important to emphasize that indigenous art is an important element for the Museu do Índio due to, for example, the first study published on the indigenous art of the Urubu-Kaapor people.

Keywords: Indigenous art. Berta Ribeiro. Marechal Rondon Library. Museu do Índio.

1 INTRODUÇÃO

Este presente trabalho contextualizará a emergência da arte indígena na coleção bibliográfica da Biblioteca Marechal Rondon do Museu do Índio e, mais especificamente, a produção de Berta Ribeiro sobre a arte dos povos indígenas. É preciso expor que a noção de arte, como a entendida no âmbito ocidental, não tem correspondência para os povos indígenas. Assim sendo:

[...] é importante frisar que toda sociedade produz um estilo de ser que vai acompanhado de um estilo de gostar e, pelo fato de o ser humano se realizar enquanto ser social através de objetos, imagens, palavras e gestos os mesmos se tornam vetores da sua ação e pensamento sobre seu mundo.” (LAGROU, 2009, p.11)

Ou seja, a criação artística é uma peculiaridade única dos seres humanos. Portanto, todas as sociedades produzem cultura e tem em potência a emergência de aspectos que indicam traços culturais distintivos entre os mais diversos povos. O estilo adotado perpassa as possibilidades estéticas e outros modos de fazer e sentir o entorno da vida social. Neste mesmo sentido:

Como acontece em todas as sociedades humanas, nas sociedades indígenas do Brasil não faltam manifestações de arte, que tomam as formas mais diversas. Assim, embora quase todas confeccionem artefatos de penas, os estilos divergem, e algumas enfatizam mais este tipo de arte do que outras. Há sociedades que se destacam na cerâmica; outras, em esculturas em madeira; e há aquelas que possuem pintura de corpo elaborada. (MELATTI, 2007, p. 219)

O Museu do Índio já no ano de 1957, ou seja, apenas quatro anos após sua inauguração, publica o primeiro estudo científico realizado na instituição, o livro “Arte plumária dos índios Kaapor”, de Darcy e Berta Ribeiro. Esta informação é de grande relevância, pois a instituição inicia sua linha editorial de publicações com o tema arte. Anos mais tarde, Berta Ribeiro ainda publicará importantes obras como “A arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico” (1985) e o “Dicionário do artesanato indígena” (1988).

A instituição naquele momento investia em obras de natureza científica de vulto, visto a publicação sobre a arte plumária entre os Urubu-Kaapor. Darcy Ribeiro imprimiu a instituição um caráter científico único, visto, por exemplo, onde se “[...] criou e manteve entre

1955-57, o primeiro curso de estudos pós-graduados em antropologia do Brasil.” (MOREIRA NETO, [197-?], p. 5)

Ou seja, o Museu do Índio proporcionou a profissionais, como Berta Ribeiro, a um ambiente de natureza científica, propícia ao estudo e a formação acadêmica. Assim, diversos profissionais da instituição se transformaram em profissionais de alto padrão nas universidades brasileiras, contribuindo para diversas áreas do conhecimento como a Museologia e a Antropologia.

Outra questão que também merece ser realçada é que as ações de documentação, como o levantamento acerca da plumária do povo indígena Urubu-Kaapor, vinham de um contexto de grande vulnerabilidade dos povos indígenas. Havia o risco de uma “redução progressiva da população indígena” (RIBEIRO, 1970, p. 445) em meados do século XX e as ações empreendidas eram a compreensão de esforços frente ao quadro drástico apresentado.

A relação dos europeus com a arte dos povos indígenas emerge desde os primeiros contatos estabelecidos. O grau de exotismo e a beleza plástica apresentada foram características singulares no processo de aproximação no tempo do intitulado descobrimento. Neste sentido:

Desde os primeiros encontros entre índios e europeus, os adornos plumários suscitaram o interesse e a admiração dos observadores mais sensíveis, como a arte indígena mais elaborada. Pode-se mesmo datar o início deste interesse, já que, o primeiro objeto recebido pelo descobridor foi aquele “sombreiro de penas d’aves” que um marujo de Cabral trocou por carapuças, segundo o testemunho de Pero Vaz de Caminha (1943: fl. 2). Mais tarde, tantas peças foram levadas à Europa que a quase totalidade dos artefatos indígenas quinhentistas existentes em museus é constituída por coifas e mantos dos *Tupinambá*. (RIBEIRO; RIBEIRO, 1957, p. 11, grifos dos autores)

Um fato possível de se aventar para essa característica do Museu do Índio em se debruçar quando do seu inaugurar para a arte indígena estava na constituição museal de aproximação dos povos indígenas com a sociedade envolvente. Sendo a arte uma produção da contemporaneidade, em um diálogo do tempo presente, então “os objetos que compunham o acervo faziam parte da história presente, não sendo objetos produzidos em um tempo distante.” (MELLO, 2018, [p. 3])

Este *paper* fará o seguinte percurso com o fito de realizar um sobrevoo sobre algumas importantes questões pertinentes aos seguintes temas: arte indígena, o casal Ribeiro, ou seja, Darcy e Berta Ribeiro, o Museu do Índio, instituição de grande importância para a

salvaguarda dos bens culturais dos povos indígenas brasileiros e a Biblioteca Marechal Rondon.

2 BERTA RIBEIRO: UMA ARTÍFICE DO IMAGINAR SOBRE ARTE INDÍGENA E DA DOCUMENTAÇÃO ETNOLÓGICA

O casal Berta Ribeiro e Darcy Ribeiro foram intelectuais que marcaram o imaginário da arte indígena em meados século XX com as odisseias feitas entre os povos indígenas no Brasil. Apontaram para uma nova possibilidade, um novo olhar para grupos que estavam fadados ao desaparecimento. A atuação conjunta foi um marco da desconstrução da visão de um índio selvagem.

O livro de Darcy Ribeiro publicado no final de sua vida intitulado “Diários índios: os Urubu-Kaapor” (1996) o diário de campo do antropólogo da sua relação com o povo indígena Urubu-Kaapor, expõe, logo no início, um pouco da relação que o casal vivia, uma relação marcada pela cumplicidade amorosa e intelectual:

Berta, abro este diário com seu nome. Dia a dia escreverei o que me suceder, sentindo que falo com você. Ponha sua mão na minha mão e venha comigo. Vamos percorrer mil quilômetros de picadas pela floresta, visitando as aldeias índias que nos esperam, para conviver com eles, vê-los, aprender com eles. (RIBEIRO, 1996, p. 17)

Na passagem acima, é possível atentar para a intimidade que ambos possuíam na relação, demonstrando um carinho de tamanha magnitude visto a abertura da aventura que se iniciava na região do rio Gurupí, divisa do Estado do Pará com o Maranhão. Darcy Ribeiro cabe elucidar, era um intelectual soberbo, nas palavras do mesmo: “Admito com toda desfaçatez que gosto demais de mim e que não acho admirável.” (RIBEIRO, 1990, p. 9)

A origem de Berta Ribeiro é romena, filha de judeus comunistas e, em função da turbulência da vida na Europa, a família resolve se mudar para o Brasil procurando uma vida melhor. No Brasil, já militante do então Partido Comunista do Brasil – PCB, Berta conhece Darcy Ribeiro em uma manifestação, na cidade de São Paulo. (AMORIM, 1998)

Quando da publicação dos diários de campo de Darcy Ribeiro entre o povo indígena Urubu-Kaapor ainda no tempo do Serviço de Proteção aos Índios – SPI se faz necessário ressaltar que a inspiração para a publicação talvez venha por influência da própria Berta Ribeiro. No ano de 1979, Berta publica o Diário do Xingu que “representa, antes de mais

nada, um quadro de impressões e reflexões que foram tomando conta de mim no decurso de minha estada em agosto de 1977 no Parque Nacional do Xingu.” (RIBEIRO, 1979, p. 11). Ou seja, Berta Ribeiro era uma pesquisadora engajada, do mesmo quilate de Darcy Ribeiro, visto a trajetória trilhada, assim como as publicações científicas de grande qualidade reconhecidas pela comunidade científica.

Outra publicação também de grande importância foi o “Dicionário do artesanato indígena” que representou um marco para a documentação das peças museológicas de natureza etnológica. Até a sua publicação no ano de 1988, os museólogos que trabalhassem com acervos etnográficos não possuíam qualquer instrumento documentário de categorização e classificação das peças indígenas. Conforme as palavras da própria autora:

Desde há muito, os museus etnográficos se ressentem da falta de normas para a classificação de suas coleções, bem como de um vocabulário técnico que permita sua identificação e comparação, tornando o arquivo dessas informações facilmente manuseável. Desta maneira carência se ressentem os antropólogos dedicados aos estudos de cultura material, ou seja, à análise dos artefatos do ponto de vista de sua função, seu valor como documento histórico, artístico, simbólico e de identificação étnica. (RIBEIRO, 1988, p. 13)

Conforme afirmado por Thekla Hartmann, o resultado do trabalho que foi o dicionário significou uma “insana trabalhadeira” (1988, p. 9) que a obstinação e capacidade intelectual, características notáveis de Berta Ribeiro na consecução de seus objetivos, produziu para museólogos, a comunidade científica, os povos indígenas e a sociedade em geral. Importante também destacar os desdobramentos do dicionário para além do importante auxílio nas atividades de documentação etnológica: o Museu do Índio publicou no ano de 2006 o “Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil” e conforme afirmado pela autora do tesouro: “Sem essa obra inédita e magnífica [Dicionário do artesanato indígena], este tesouro certamente não poderia ter sido feito.” (MOTTA, 2006, p. 4)

Ainda é importante realçar que a relação de cumplicidade e de amor se manteve por toda a vida de Berta. Conforme mencionado por Ana Arruda Callado (2016, p. 7): “Mesmo depois de separados, ela continuou a organizar muitos trabalhos dele, a fichar seus livros, enfim a fazer o que fazia quando estavam casados [...]” E a importância de Berta Ribeiro na vida de Darcy também era o resultado da sua própria relação profunda e intensa para com as coleções etnográficas. Desta maneira:

A importância que Berta dedicou às coleções etnográficas e à cultura material revela-se, sem dúvida, na sua vasta produção textual, fonte de referência obrigatória para quem, em alguma medida, trabalha ou tem interesse pelo tema e por sua ação profissional e política empenhada na construção de uma sociedade justa e solidária que respeita e valoriza sua diversidade étnica e cultural, garantindo a vida e a liberdade de todos na sua integralidade. (MONTEIRO, 2009, p. 35)

Fruto de uma vida com muitos revezes, Berta Ribeiro teve em seu universo profissional uma dedicação ímpar as atividades acadêmicas e de comprometimento para com os povos indígenas. Deste modo, a sua atuação reverberou para diversas searas do conhecimento, possibilitando assim transformações nos seus espaços de atuação e no alcance de um protagonismo indígena singular.

3 A BIBLIOTECA MARECHAL RONDON E O MUSEU DO ÍNDIO

Com o fito de explorar a disseminação de informações etnológicas a partir do trabalho realizado por Berta Ribeiro, se faz necessário inicialmente apresentar o Museu do Índio e a sua biblioteca. A Biblioteca Marechal Rondon começa a realizar a sua missão no ano de 1953, data de criação do Museu do Índio. A instituição naquele momento fazia parte do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, instituição esta extinta no ano de 1967, dando lugar a FUNAI – Fundação Nacional do Índio, que perdura até os dias de hoje. Ainda sobre o Museu do Índio, o antropólogo Darcy Ribeiro afirma que:

O Museu do Índio foi montado, em todos os seus detalhes, com a ambição de suscitar sentimentos de simpatia pelos índios, de solidariedade para com suas dramáticas dificuldades de acomodação ao mundo estranho que levamos cada vez mais perto de suas aldeias, e de compreensão dos seus comoventes esforços para resolver, a seu modo, os problemas essenciais de todas as sociedades humanas. (RIBEIRO, 1962, p.169)

Portanto, em um contexto de extrema vulnerabilidade para os povos indígenas, com real risco de extinção em meados do século XX (RIBEIRO, 1970), o Museu do Índio tinha por objetivo valorizar os povos indígenas brasileiros. Assim, a instituição realizou esforços documentários, bibliográficos e expositivos para que conseguisse realizar uma ação em prol dos povos indígenas. As ações com o decorrer dos anos acabaram sendo revertidas para esses grupos não hegemônicos da sociedade brasileira.

Ainda é importante destacar no âmbito do Museu do Índio as atividades de documentação realizadas. O trabalho técnico documentário feito na instituição possibilitou a recuperação de informações sobre os povos indígenas do país. Desta maneira, estudos acadêmicos, litígios

judiciais e demarcações de terras indígenas foram subsidiadas pelas ações orientadas dos servidores do Museu. Uma das vertentes acerca deste processo de informações etnológicas é a biblioteca da instituição:

A Biblioteca Marechal Rondon vai, aos poucos, constituindo-se em um centro básico de informações bibliográficas de interesse etnológico e assuntos correlatos. Suas coleções oferecem suporte às investigações no campo da etnologia brasileira, como fonte de referência especializada indispensável às atividades desenvolvidas pelo Centro de Documentação. Trata-se da primeira biblioteca voltada exclusivamente ao estudo do índio brasileiro. (GALVÃO; LIMA, 1983, p. 41)

A Biblioteca Marechal Rondon, desde sua criação, está intrincada com a biblioteca particular do Marechal Rondon e teve como escopo as culturas indígenas e, dentre elas, a arte indígena. Sua missão primeira “eram a salvaguarda e disseminação de informação de natureza etnológica, sendo um dos setores da instituição que teria o papel de cumprir a missão institucional para qual o Museu do Índio foi criado.” (MELLO, 2017, p. 29). Ainda:

Neste sentido, o Museu do Índio, tendo a Biblioteca Marechal Rondon como promotora de ações de disseminação de informações sobre a temática indígena, toma para si medidas de magnitude ao garantir a salvaguarda de coleções e de subsídios a ações mais qualificadas e de maior alcance sobre os povos indígenas. (MELLO, 2017, p. 40)

A comprovação do sucesso que o Museu do Índio teve nas últimas décadas foi à mudança do processo de decréscimo da população indígena do país. (PEREIRA; SANTOS; AZEVEDO, 2005). Um dos papéis que a instituição experimentou foi a possibilidade de subsidiar as ações de demarcação das terras indígenas realizadas a partir dos anos de 1970, que representou a garantia dos direitos indígenas. (MELLO, 2014). Neste mesmo sentido:

Outro fator de destaque aos estudos informacionais indígenas é a importância que os repositórios existentes e mantidos pelo Estado brasileiro, como os arquivos indigenistas que estão acolhidos pelo Museu do Índio, possuem na comprovação da memorialidade da ocupação de indígenas. A recuperação da informação representa mais do que o acesso à terra, mas a sobrevivência no seu lugar de origem. (MELLO, 2018, p. 106)

O trabalho de vulto realizado por Berta Ribeiro apontou para a necessidade de uma maior valorização da cultura material dos povos indígenas. Assim sendo, a museóloga com o seu trabalho de documentação no âmbito do Museu do Índio trouxe visibilidade para a instituição, para a importância da coleção museológica, assim como também para os povos indígenas do Brasil. Como ela mesma dizia:

Um museu não é um arquivo morto, uma atividade perdulária, como é geralmente considerado, e sim uma instituição com objetivos didáticos, científicos e político-polêmicos; ao mesmo tempo que uma área de lazer e reflexão. (RIBEIRO apud CALLADO, 2017, p.133)

Assim sendo, o surgimento da temática arte indígena em sua obra e, mais especificamente, no Museu do Índio teria uma conotação “político-polêmicos”, pois é a partir deste elemento dinâmico das culturas indígenas que a museóloga pode aproximar mais os povos indígenas da sociedade brasileira.

4 CONCLUSÕES

Berta Ribeiro foi uma pesquisadora e museóloga de vulto para o Museu do Índio em sua abordagem única sobre as culturas indígenas, mais especificamente, sobre a arte indígena. Por meio deste recorte epistêmico, foi possível dar visibilidade aos povos indígenas, daquilo que eles detêm de mais singular: sua arte.

Sua capacidade de trabalho em conjugar o seu interesse pelos povos indígenas, aspectos técnicos e da documentação foi de grande magnitude para os profissionais da informação como bibliotecários, museólogos e arquivistas. Dentre os trabalhos realizados, se faz necessário tecer comentários mais uma vez para o seu “Dicionário do artesanato indígena” (1988), obra singular para a sistematização de informações em coleções etnográficas dos povos indígenas brasileiros.

Outro ponto que deve ser acolhido também está no fato de que os povos indígenas têm ensinamentos a serem realçados no que compete às dinâmicas sociais produzidas no seio das sociedades contemporâneas, assim como também na relação dos seres humanos com a natureza. Destarte:

A lição que as comunidades tribais podem dar, hoje, à humanidade é de caráter ecológico e social. Em primeiro lugar, o seu respeito à integridade da natureza, como fonte de todas as benesses da terra. Em segundo lugar, a democratização das relações humanas e da propriedade, que, tendo ocorrido até agora apenas no âmbito estreito das microetnias, possa, amanhã, tornar-se realidade para todos os povos. (RIBEIRO, 1984, p. 113)

Este trabalho procurou demonstrar que a arte indígena sempre foi um elemento de importância para o Museu do Índio. Tanto é assim que a primeira publicação da instituição realizada por Darcy e Berta Ribeiro versava sobre a arte plumária do povo indígena Urubu-Kaapor. As atividades realizadas com a plumária aqui citadas também são processos de

documentação de suma importância com o objetivo de trazer visibilidades a estratos sociais ditos subalternos da sociedade brasileira.

Coube ao Museu do Índio trazer à tona a discussão sobre a temática indígena por meio da plasticidade contida em cada um dos povos indígenas que residem no lado meridional da América. E a Berta Ribeiro, importante figura feminina acerca dos estudos da arte indígena, em imprimir sua capacidade intelectual em prol dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Stella. Berta Ribeiro: identidade Desâna. **Boletim da ABA**, n. 29, p. 34-36, 1998.
- CALLADO, Ana Arruda. **Berta Ribeiro**: aos índios, com amor – uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Batel, 2016.
- GALVÃO, Clara Maria; LIMA, Maria de Pompéia Araujo. Atividades de documentação – Museu do Índio. In: MUSEU do Índio. **Museu do Índio**: 30 anos (1953-1983). Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1983. p. 37-42.
- HARTMANN, Thekla. Apresentação. In: RIBEIRO, Berta Gleizer. **Dicionário de artesanato indígena**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.
- LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil**: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. A Biblioteca Marechal Rondon e a disseminação de informações de natureza etnológica. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 16, n. 2, p. 29-43, jul./dez. 2017.
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. A documentação de natureza etnológica como recurso estratégico para os povos indígenas. **Memória e informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, [p. 1-14], jan./jun. 2018. No prelo.
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. O fenômeno informacional indígena e o processo de documentação. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 93-108, mar./ago. 2018.
- MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. Testemunho sobre Berta. **Fazimentos**, Rio de Janeiro, caderno 7, abr. 2009.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. **Índios, bandeirantes e sertanistas**: uma visão romântica do indigenismo brasileiro. [S.l.]: [S.n.], [197-?]. Mimeografado.
- MOTTA, Dilza Fonseca da. **Tesouro de cultura material dos índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2006.
- PEREIRA, Nilza de Oliveira Martins; SANTOS, Ricardo Ventura; AZEVEDO, Marta Maria. Perfil demográfico socioeconômico das pessoas que se autodeclararam 'índigenas' nos centros demográficos de 1991 e 2000. In: PAGLIARO, Heloísa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura (Organizadores). **Demografia dos povos indígenas no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 155-166.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. **A arte do trançado dos índios do Brasil**: um estudo taxonômico. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. **Diário do Xingu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. **Dicionário do artesanato indígena**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O índio na história do Brasil**. São Paulo: Editora Global, 1984.

RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta Gleizer. **Arte plumária dos índios Kaapor**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1957.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

RIBEIRO, Darcy, **Testemunho**. São Paulo: Siciliano, 1990.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios: os Urubu-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **A política indigenista brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola, 1962.